



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

18 e 19 de junho de 2016

Notícias do Dia Carlos Damião

Ciro Gomes / Centro de Cultura e Eventos / UFSC



Notícias do Dia Carlos Damião "Procurador"

Procurador / Juliano Rossi / UFSC / Luis Carlos Cancellier de Olivo

Procurador
O procurador federal Juliano Rossi foi escolhido para ser o novo procurador-chefe da UFSC, na gestão do reitor Luis Cancellier. Rossi é muito respeitado entre seus colegas, considerado um profissional do mais alto gabarito.

Notícias do Dia Carlos Damião "Um nome, muitas mágoas"

Um nome, muitas mágoas / Florianópolis / Floriano Peixoto / Desterro / Ilha de Anhatomirim / A tragédia de Desterro / Ilha de Santa Catarina / Portugal / Demetz Groeden / Catedral Metropolitana / Dias Velho / Nossa Senhora do Desterro / Victor Meirelles / Carlos Humberto Pederneiras Correa / UFSC / Floripa / Eduardo Paredes / Moreira César / Hercílio Luz

Um nome, muitas mágoas

Florianópolis: cidade de Floriano. Por que essa etimologia incomoda tanto os moradores da antiga Desterro? A razão direta, sem meias palavras: Floriano Peixoto, o homenageado, comandou um governo sanguinário, que não deu trégua a seus opositores. Quase 200 ilhéus foram fuzilados na ilha de Anhatomirim, num episódio que está registrado nos livros de História como "A tragédia de Desterro". A questão do nome da Capital já era debatida pelas lideranças políticas e sociais muito antes de 1894, quando ocorreu o massacre e a mudança do nome para Florianópolis. Desterro incomodava desde sempre. Havia uma crença de que o nome teria sido adotado para evidenciar o objetivo da colonização da Ilha de Santa Catarina: acolher os miseráveis, a escória, os bandidos rejeitados em Portugal. Há compêndios de História que mencionam essa triste leitura.

Mas há, entre os pesquisadores e jornalistas, e nisso me incluo, que acreditam em outra versão: Desterro seria referência à fuga da família de Jesus para o Egito – tão bem retratada na escultura do tirolês Demetz Groeden, conservada no interior da Catedral Metropolitana. Tanto é que o fundador da cidade, Dias Velho, ergueu a igreja em devoção a Nossa Senhora do Desterro, nome oficial da paróquia até hoje.

Essa segunda explicação para o nome da cidade – adotado no século 17, mas oficializado apenas no século 19, por Dom Pedro 1º – era a única defesa possível contra os bajuladores de Floriano Peixoto no ano de 1894. Mas o puxa-saquismo dominante, reforçado após o massacre ocorrido em Anhatomirim, inibiu a resistência, que ficou mais restrita a alguns círculos sociais e intelectuais. O povo de modo geral aceitou a mudança, até porque o clima de terror reinante depois da vitória dos florianistas sobre os federalistas impediria manifestações oposicionistas mais fervorosas.



Vista do Desterro, tela de Victor Meirelles: a cidade em 1851, muito antes de virar Florianópolis. À esq., a Igreja Matriz (hoje Catedral); à dir., a Igreja de São Francisco da Penitência

Memória de
Florianópolis

O tempo não apagou a mágoa. Jamais apagará dos livros de história o episódio sangrento da ilha de Anhatomirim – que mereceu uma representação cinematográfica supimpa, com o título de "Desterro", dirigida pelo mestre Eduardo Paredes. Essas marcas, da presença horripilante do coronel Moreira César – o representante do presidente Floriano, conhecido como "Corta-Cabeças" – na Ilha de Santa Catarina, estão na memória da cidade, com destaque para o próprio nome da capital catarinense. Se nos conformamos, deixamos a coisa como está, pelo menos temos o direito de manter vivas as razões históricas que levaram o governador Hercílio Luz – nosso herói pela construção da primeira ponte entre ilha e Continente – a assinar o decreto que apagou Desterro dos mapas.

Houve, como há até hoje, quem continuasse preferindo Desterro. Até no Facebook, na geolocalização do usuário, existe a opção de destacar Desterro/Cidade como local da postagem. Mas isso tem um "quê" de poesia, obviamente, porque não há nenhuma possibilidade de se resgatar o nome original de Florianópolis.

O conformismo histórico nos fez buscar explicações menos dolorosas do que "cidade de Floriano". Lembro-me que no ensino fundamental um professor mais radical propunha que interpretássemos a etimologia como "cidade das flores". Outro, o falecido historiador Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, professor da UFSC, defendia a musicalidade do nome adotado em 1894. Pronunciava assim: "Floria-nô-polis". Na década de 1970, surfistas simplificaram para Floripa, apelido que pegou e está consagrado, embora os puristas não gostem muito.

[Esta coluna vai para os jovens João Felipe Martins, Maria Carolina Silveira e Artur Pedro de Abreu, que há tempos me provocam sobre o tema].

LEI N. 111 DE 1 DE OUTUBRO DE 1894

MUDA A DENOMINAÇÃO DA CAPITAL DE «DESTERRO» PARA «FLORIANÓPOLIS»

O engenheiro civil *Hercílio Pedro da Luz*, Governador do Estado de Santa Catharina.

Faço saber a todos os habitantes deste Estado que o Congresso Representativo decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º. A actual capital do Estado fica, desde já, denominado Florianópolis;

Art. 2º. Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução d'este Decreto pertencer, que o cumpram e façam cumprir-o fielmente.

O Secretario do Governo do Estado o mando imprimir, publicar e correr.

Palacio do Governo do Estado de Santa Catharina, em Florianópolis 1º de Outubro de 1894, 6ª da Republica.

HERCÍLIO PEDRO DA LUZ
José Arthur Boiteux

Publicado o presente Decreto n'esta Secretariá do Governo do Estado ao 1º dia de outubro de 1894.—*José Arthur Boiteux*.

Decreto assinado pelo governador Hercílio Luz em 1894 que pôs fim à poesia do nome Desterro

"Pesquisa é reflexo da crise política"

Pesquisa é reflexo da crise política / Maconha / Casamento gay / Instituto Mapa / Departamento de Sociologia e Ciência Política / UFSC / Tiago Borges / Valmir dos Passos / Brasil / Aborto / Departamento de Jornalismo / Samuel Lima / Santa Catarina / Corrupção / Operação Lava-Jato / Jacques Mick / 1º Censo Legislativo Municipal Catarinense / Homofobia / Drogas / ONU / Racismo / Reforma eleitoral

NOTÍCIAS | ELEIÇÕES 2016

DIÁRIO CATARINENSE,
SABADO E DOMINGO,
18 E 19 DE JUNHO DE 2016

6

PESQUISA É REFLEXO DA CRISE POLÍTICA

ESPECIALISTAS APONTAM que características do eleitor detectadas em levantamento são influência do noticiário político, de hábitos do consumo de informações e da representatividade

FELIPE LENHART
felipe.lenhart@diariocatarinense.com.br

Um cidadão impactado pelo noticiário da crise política, refratário a ideias progressistas aceitas no Ocidente (regulamentação do uso da maconha), dividido quando o assunto já é discutido abertamente na sociedade (o casamento gay), vítima de um sistema que desestimula o acompanhamento das ações dos eleitos, com novos hábitos de consumo de informações sobre política e em meio a uma grande crise de representatividade. Essa é a leitura que especialistas consultados pelo DC fazem da pesquisa do Instituto Mapa, que ouviu mil pessoas entre os 18 e 26 de maio, em 42 municípios. Os dados foram divulgados pelo Grupo RBS na quinta-feira.

Professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC, Tiago Borges, aponta os protestos de junho de 2013 como o início de um período em que a política passou a ser assunto cotidiano e estopim da crise de representatividade.

— Lá reconteceu o envolvimento do brasileiro com manifestações de rua, o eleitor ficou mais interessado. Até em lugares em que antes se via futebol, como bares, passou-se a ver sessão do STF. Nos últimos 20 anos, não

recorde de haver quantidade de informações tão elevada sobre o tema — completa Borges.

Trabalhos acadêmicos da área de ciências políticas já haviam revelado informações sobre o eleitor catarinense. Em especial a que se refere à memória curta do eleitorado, segundo o professor de Ciências Sociais da Unisul Valmir dos Passos.

— Sua atenção é ao pleito, depois ele não acompanha o desempenho dos eleitos. A relação do eleitor com a política no Brasil é muito pontual — diz.

Há divergência sobre a classificação do eleitor catarinense quanto às suas posições a respeito de temas como aborto, drogas e casamento gay. Para Passos, o catarinense é mais tradicionalista, com forte pendor religioso.

— Isso ajuda a explicar a sua posição sobre não dar à mulher o direito de abortar, ou ter reservas ao casamento de pessoas do mesmo sexo — explica.

Ao mesmo tempo, se há uma divisão maior no casamento gay, é porque o assunto é discutido na sociedade, em especial na TV aberta, segundo o professor. Por outro lado, não dá para cravar que o catarinense é um eleitor conservador, apenas que a pesquisa mostra essa tendência, segundo Borges.

A análise dos hábitos de consumo de informações sobre política dos eleitores de SC pode indicar o que, na academia, se está chamando de formação de uma nova sociabilidade, segundo o professor do Departamento de Jornalismo da UFSC Samuel Lima. Nesse novo contexto, a imprensa tradicional começa a dividir espaço com redes sociais e outros meios de comunicação em rede, em que têm peso parentes, familiares e amigos.



UPIARA BOSCHI

upiara.boschi@diariocatarinense.com.br

Diante do espelho

Um Estado multifacetado como Santa Catarina, com divisões regionais bem-definidas e cidades-polo que funcionam como verdadeiras capitais, poucas vezes têm a chance de olhar para si como uma unidade.

A pesquisa do Instituto Mapa contratada pelo Grupo RBS e divulgada durante a semana que passou é uma dessas raras oportunidades em que o catarinense pode se ver no espelho. Afinal, quem é o catarinense?

As escolhas políticas sempre deram indícios para responder esse tipo de pergunta. O catarinense é conservador, rejeita mudanças abruptas e tende a optar por agrupamentos políticos de centro-direita — mesmo que isso leve a polarizações acirradas entre representantes de graus diversos de conservadorismo.

A pesquisa Mapa mostra que o perfil de político procurado pelo eleitor catarinense se encaixa com o de políticos mais conservadores. Um nome de meia idade, com origem na classe média, de família tradicional, com ensino superior, tendo experiência em

cargo públicos, mas também trabalhado na iniciativa privada. Essa pessoa teria boas chances nas urnas do Estado. É o que diz a pesquisa e é também o que mostra a história política de Santa Catarina.

O cenário conflituoso da política nacional e a constatação óbvia de que a corrupção permeia o sistema eleitoral e administrativo tem peso, é claro. Quase um terço dos catarinenses que responderam à pesquisa querem votar em alguém novo na política. Metade diz que poderia escolher um novato, mesmo que pouco conhecido.

Não é muito, mas pode ser um embrião de renovação que tende a ser reforçado não apenas pelos efeitos da Operação Lava-Jato e outros escândalos menores ou menos badalados, mas por um fim de ciclo geracional na política catarinense. Na pesquisa Mapa, o eleitor de SC deu a dica a partidos e lideranças sobre o que esperam delas. Em outubro veremos quem fez a lição de casa.



Confira mais análises da política catarinense leiadc.sc/opiniao/upiara

Um em cada quatro catarinenses não lembra em quem votou na eleição passada.

ELEI

Apesar de parecer desmotivado e desacreditado, o eleitor de Santa Catarina ainda não perdeu as esperanças, nem a consciência política: acredita que o voto é a única forma de mudar o atual cenário e quer caras novas nas eleições, bons exemplos nos noticiários. Afirmar que **não dá seu voto para candidatos corruptos, nem mesmo para aquele que "rouba mas faz"**

Para grande parte do eleitorado, o político adequado deve vir de uma família tradicional.

Proteja-se quem não seja do meio político, tenha experiência dentro e fora da área, pelo menos um curso superior e circule pela cidade, no meio do povo.

Posicionamentos polêmicos semelhantes a censo legislativo

Nas questões da pesquisa do Instituto Mapa que exigiram posicionamentos sobre direitos dos homossexuais, legalização do uso de drogas e ampliação do direito do aborto, o eleitor catarinense se manifestou de maneira parecida a dos vereadores em 2012 em Santa Catarina. A opinião é de Jacques Mick, um dos coordenadores do 1º Censo Legislativo Municipal Catarinense, estudo lançado em 2015 que traçou um perfil dos ocupantes de cadeiras nas câmaras municipais do Estado na atual legislatura.

– Nesses tópicos, há convergências no sentido geral das posições do eleitorado e dos vereadores em fim de mandato, ainda que as opiniões de uma parcela dos parlamentares pareçam menos conservadoras do que as dos entrevistados pelo Mapa – afirma.

Sobre o aborto, 59,1% dos parlamentares se manifestaram contra o “direito de a mulher decidir se faz ou não um aborto, sem ser criminalizada por isso” – na pesquisa Mapa, o percentual foi de 68,8% total ou parcialmente contrários à regularização do aborto. Já 40,9% dos vereadores são ao direito, enquanto que 25,2% dos eleitores são total ou parcialmente a favor.

Aos vereadores, foi perguntado se eram favoráveis à “criminalização da homofobia (expressão do preconceito contra homossexuais)”: 47,4% responderam sim, e 52,6%, con-

tra. Já para aos eleitores a questão foi sobre a “regularização do casamento gay”: 46,4% discordaram, e 41,1% são a favor.

– Apesar do foco em aspectos diferentes dos direitos dessa população, tanto entre os parlamentares quanto entre os cidadãos prevalecem posições preconceituosas, contrárias à expansão dos direitos – afirma Mick.

No que diz respeito às drogas, os vereadores opinaram genericamente sobre a descriminalização: 69,2% são contrários e 30,8%, a favor. Já a questão para os eleitores tratava da “legalização do uso da maconha”. Ainda assim, 68,5% dos respondentes são total ou parcialmente contrários à medida, enquanto 24,2% são favoráveis.

– São, portanto, muito próximos os percentuais de cidadãos catarinenses e vereadores resistentes a avanços na legislação antidrogas, discutidos recentemente na Assembleia Geral da ONU sobre Drogas – diz.

Na questão do preconceito racial, Mick considera que seria necessário mais respostas dos eleitores para que ficasse evidente o seu real posicionamento. O professor lembra que o Brasil tem rica trajetória de pesquisas sobre raça-cor e que desde 1995, via Datafolha, sabe-se que os entrevistados tendem a negar racismo diante de pergunta explícita, embora o manifestem em questões indiretas de preconceito.

A maioria dos eleitores se considera interessada em política.

A propaganda eleitoral em rádio e televisão parece estar em baixa: influencia menos de um entre 10 eleitores, que buscam cada vez mais na internet informações sobre os candidatos.

TOR

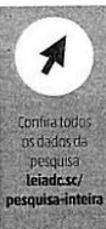
Os eleitores dizem não ter preconceito racial, mas se opõem a casamento gay, aborto e legalização da maconha.

Também **não** estão nada **otimistas** com a classe política: a maioria

não confia no atual cenário nacional e **quase metade** não está satisfeita com os candidatos no **Estado e municípios.**

Quase **metade** dos eleitores do Estado **não acompanha** o mandato do candidato eleito

Na hora de votar, o catarinense leva em conta o histórico pessoal e político, além do desempenho em debates.



“Temos um eleitor mais informado, atento e sabedor da importância do seu voto”

ENTREVISTA

JOSÉ NAZARENO VIEIRA
Presidente do Instituto Mapa

Como o senhor explica o ator “politicamente correto” no resultado dessa pesquisa?

As pessoas, ao serem entrevistadas ou mesmo em público, têm um sentimento que elas não expressam de maneira tão correta quanto na verdade praticam. Então, quando dizem que são totalmente contra preconceito racial. Podem ser contra, mas o que eles praticam no dia a dia? Então, é o que a gente considera o “politicamente correto”: opta por aquilo que aceita que seja, mas não necessariamente aquilo que faz. Esse preconceito racial, na prática – nove para 10 dizem que não tem –, é algo que a gente associa a uma possibilidade de uma resposta que a gente intui como um sentimento ou uma tendência de “politicamente correto”.

Pela sua experiência com pesquisas, que característica mais chamou a sua atenção no eleitor catarinense?

É um eleitor que está mais atento às coisas. Com esse bombardeio de tudo o que está acontecendo na política, na economia e socialmente no Brasil, ele ficou mais instruído e mais informado, mesmo que, por hábito, ele não tenha todo o interesse ou mesmo costumasse dizer que “de política e políticos eu quero distância”. A verdade é que o eleitor hoje é quase que afrontado por essas notícias. Então a tendência que eu acho importante destacar é a de que temos um eleitor mais informado, mais atento a tudo e que sabe mais da importância do seu voto agora porque está sentindo na carne o que as pessoas em quem ele votou e que são seus representantes deram para ele – e contra ele –, como retorno ao

voto. E que, assim, ele demonstra uma tendência a escolher algo que não seja continuidade.

Quando questionado com assuntos que lhe exigiam posicionamento ideológico, pode-se dizer que o eleitor catarinense se manifestou de maneira conservadora?

Eu não diria que é um eleitor conservador, tanto que algumas posições são ambíguas e em algumas questões ele se divide. Não dá para generalizar que é conservador. Ao mesmo tempo em que ele quer um candidato de meia idade ou próximo disso, ele também acha que o que importa é o perfil e o histórico pessoal. Ele quer um conjunto de coisas que não dá para dizer se é conservador, liberal ou outro rótulo.

Acredita que a reforma eleitoral que valerá a partir deste ano influenciará no posicionamento desse eleitor retratado na pesquisa?

O eleitor terá de fazer sua escolha num período de tempo de campanha curto. Acho, pessoalmente, que foi um erro restringir o tempo de campanha, porque isso vai prejudicar a capacidade de melhor conhecer os candidatos e fazer a escolha. Com tempo mais curto e com teto de gastos, acredito que haverá uma dificuldade maior porque não se vota em quem não se conhece e para ser conhecido, um candidato novo precisa de tempo. A reforma foi muito brusca. Sobre o pretexto de evitar corrupção e tudo o que a gente já viu, não acredito que a melhor solução tenha sido estabelecer teto de tempo. Os eleitores querem eleições gerais, mudar. Mas como fazer isso com tempo ainda mais restrito?

Notícias do Dia
Luiza Gutierrez
"Mesa Redonda"

Mesa Redonda / FAM / Festival Audiovisual do Mercosul / Centro de Cultura e Eventos / Me deixa jogar? / Projeto Novos Talentos / SC Games / Márcia Batistella

Mesa Redonda

Dentro da programação do FAM (Festival Audiovisual do Mercosul), neste domingo, às 15h, no Centro de Eventos da UFSC, será promovida uma mesa redonda, com a participação de pais e educadores, para debater aspectos da indústria, educação e lazer relacionados aos games. A conversa "Me deixa jogar?" é direcionada a crianças, adolescentes, adultos e professores, e será mediada por profissionais do setor, pais e alunos do Projeto Novos Talentos, do SC Games, com a coordenação de Márcia Batistella. Tenho a honra de participar do debate, como mãe de aluno do projeto e representante dos meios de comunicação.

Notícias do Dia
Plural
"20 anos de FAM"

20 anos de FAM / Florianópolis Audiovisual Mercosul / Cinema / Antonio Celso dos Santos / Marilha Naccari / Tiago Santos / Associação Cultural Panvision / Curso de Cinema e Audiovisual / Unisul / Universidade do Sul de Santa Catarina / Cinemateca Catarinense / UFSC / Funcine / 1º Seminário de Cinema e Televisão do Mercosul / José Álvaro José / Brasil / Argentina / Peru / Chile / Colômbia / Mostra DOC FAM / Mostra Curtas Mercosul / Mostra Infantojuvenil / Mostra Curtas Catarinenses / Ronaldo dos Anjos / Alessandra da Rosa / Serginho Melo / Cláudia Cárdenas / Rafael Schlichting / Lucas de Barros / Mostra de Longas Mercosul / Francisco Paparella / Benjamin Naishtat / Sebastian Brahm / Augustin Pio Barrios / Florianópolis / Reunião Especializada de Autoridades do Audiovisual do Mercosul / Martin Papich / Recam / Paraguai / Uruguai / Venezuela / Bolívia / Equador / Funcultural / Márcia Paraíso / Chico Faganello / Zeca Pires / Cintia Domit Bittar / Ralf Tambke / Ricardo Weschenfelder / Kátia Klock / Marx Varmelatti

20 anos de FAM

Florianópolis
Audiovisual
Mercosul.
Festival e
fórum completa
duas décadas
dedicadas ao
cinema em SC

MARCIANO DIOGO
marciano.diogo@noticiasdodia.com.br

Durante os últimos 20 anos, o cinema catarinense teve mais espaço para exibição de seus filmes com o FAM (Florianópolis Audiovisual Mercosul), evento que começou nessa sexta e segue em sua 20ª edição até o dia 24 em Florianópolis. Tendo como objetivos principais a formação de público, difundir obras inéditas e viabilizar o debate em torno do mercado das produções cinematográficas latinas, o maior festival e fórum do audiovisual em Santa Catarina segue impulsionando com continuidade o trabalho de cineastas, diretores, produtores, atores e outros profissionais da sétima arte.

"Em 1997 notamos que havia uma deficiência grande em relação às discussões em torno do audiovisual. Não só reflexões sobre mercado, mas como o audiovisual também é fundamental para desenvolvimento da história e cultura de uma nação. Então decidimos iniciar esse seminário que visava agregar as pessoas interessadas para ampliar a discussão e debater formas de viabilizar as políticas voltadas para o cinema em desenvolvimento nos países latinos. Iniciamos timidamente e o evento foi ganhando força no decorrer dos anos, até se tornar o mais representativo festival do cinema do Estado", conta Antônio Celso dos Santos, 60, idealizador e coordenador do FAM.

Atualmente, Celso organiza o FAM junto de seus filhos produtores Marilha Naccari, 31, e Tiago Santos, 36. A família está à frente da Associação Cultural Panvision, que produz o festival internacional. Marilha, que também é professora do curso de cinema audiovisual da Unisul (Universidade do Sul de Santa Catarina), ressalta que o evento promove a reflexão com as mostras e também fomenta a produção com os fóruns, oficinas e premiações. "Amplia o acesso à obra cinematográfica e também o acesso ao artista produtor da obra. Seja para formação técnica ou intelectual do conhecimento, as oficinas do FAM, promovidas desde 2003 no festival, são uma demanda e necessidade. Temos duas graduações de cinema no Estado e dezenas de produtoras audiovisuais catarinenses, e com o evento quem mora aqui consegue ter aulas com profissionais de fora que estão à disposição para ensinar e trocar experiências" observa a diretora de programação do FAM.

Tiago Santos acrescenta que o festival de cinema possibilita o networking. "Artistas se conhecem e as ideias surgem. Além da aproximação do público catarinense, que consegue se ver na tela com filmes que são daqui", pontua.



Confira a programação do 20º FAM para este fim de semana:

Sábado, 18/6

15h Fórum painel "Avanços no Mercosul Audiovisual", com Orlando Senna e Eva Piwowarski, sala Pitangueira

16h30 Mostra DOC FAM, "A Noite Escura da Alma", de Henrique Dantas, Auditório Guarapuvu

18h30 Apresentação musical Arroyo e os Afluentes, hall do Centro de Cultura e Eventos UFSC

19h Mostra Curtas Mercosul, Auditório Guarapuvu

"Estokolmo", de Santana Nicolas-Klein
"Quem Matou Eloá?", de Livia Perez

"Castillo y El Armado", de Pedro Harres
"O Demônio e as Margaridas", de Ronaldo dos Anjos

20h Apresentação musical Arroyo e os Afluentes, hall do Centro de Cultura e Eventos UFSC

20h30 Mostra Longas Mercosul, "Zanjas", de Francisco J. Paparella

Domingo, 19/6

12h30 Sessão Itapema FM com os mais votados no Juri Popular de Mostra de Curtas

15h Fórum painel "Me Deixa Jogar?", com Márcia Regina Battistella, sala Pitangueira

16h30 Mostra DOC FAM, "Zebras", de Javier Zevallos, Auditório Guarapuvu

18h30 Apresentação musical de Leandro Fortes, hall do Centro de Cultura e Eventos UFSC

19h Mostra Curtas Mercosul, Auditório Guarapuvu

"Las Musas de Poque", de Germán Arango

"D.E.U.S.", de Rafael Costa
"Lux", de Alvaro Luque

"Quem Não Tem Cão", de Cintia Dormit Bittar
20h Apresentação musical de Leandro Fortes, hall do Centro de Cultura e Eventos UFSC

20h30 Mostra Longas Mercosul, "Ponto Zero", de José Pedro Goulart, Auditório Guarapuvu



O quê: 20º Florianópolis Audiovisual Mercosul

Quando: De 17 a 24/6, diferentes horários

Onde: Centro de Cultura e Eventos da UFSC, rua Eng. Agrônomo Cristian Ferreira, s/n, Trindade, Florianópolis, tel. 48 3721-9000

Quanto: Gratuito

Confira a programação completa e os horários de exibições de filmes do FAM 2016 em www.famdetodos.com.br.

20 anos de história

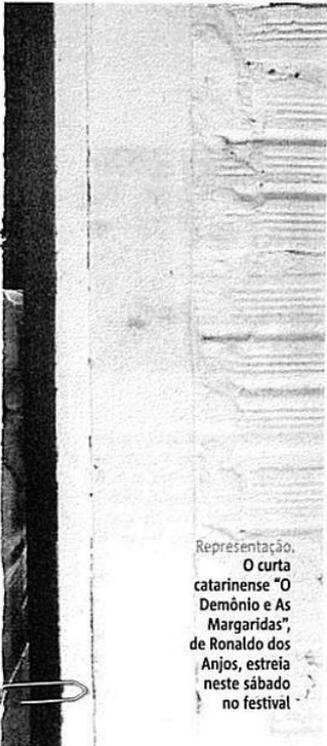
Saiba quais foram as edições mais marcantes do Florianópolis Audiovisual Mercosul

1997 -O FAM começou como seminário sobre cinema promovido com o apoio da Cinemateca Catarinense, UFSC e Funcine. Era o 1º Seminário de Cinema e Televisão do Mercosul, criado para discutir legislação e distribuição dos produtos audiovisuais. O evento iniciou-se timidamente, e naquele ano foram exibidos cerca de 20 filmes. Os debates aconteciam na sede da Fiesc e exibições no Cinema do CIC. Foram 600 espectadores em três dias de evento.

1999 -Na terceira edição, o evento foi rebatizado e passou a se chamar FAM, nome que se tornou definitivo. A programação foi significativamente ampliada, somando 11 eventos paralelos que incluíam seis mostras de filmes. Entre os presentes na edição estavam José Álvaro Moisés, na época secretário para o Desenvolvimento do Audiovisual do Brasil.

2003 -O público do FAM se amplia e o festival é transferido integralmente para o CIC por questões de espaço. Na época, o fórum do evento debateu a necessidade de uma aliança entre a TV e o cinema com efeitos práticos e a regionalização do mercado.

2005 - Surgem as premiações do FAM, fundamentais para reconhecimento das produções audiovisuais exibidas no festival. O público também elege os melhores filmes do evento com o Juri Popular. Inicia-se também neste ano o Circuito FAM, que leva os filmes do festival para serem exibidos em diferentes cidades catarinenses. Com o tempo, o número de cidades visitadas pela mostra cresce - na edição de 2016, o circuito passou por 23 cidades de Santa Catarina.



MARCO H. MARTINS/CONTINENTAL/AGÊNCIA

Representação.
O curta
catarinense "O
Demônio e As
Margaridas",
de Ronaldo dos
Anjos, estreia
neste sábado
no festival

A relevância do FAM – diretores
de cinema de SC dão suas
impressões sobre o evento:

“Já fui jurada e lancei filmes no FAM,
como o ‘Sem Perder a Ternura’. Para
mim, o FAM mais marcante foi o de
2004, quando o curta ‘Clandestinidad’
levou o prêmio de melhor ator
para o Augusto Madeira. Sou um
pouco saudosista, gostava quando o
FAM acontecia no CIC e era menos
acadêmico e mais cultural, o saudoso
café Mattise bombava nas discussões
pós e pré-exibição”, **Márcia Paraisio**.

“O evento impulsiona a indústria
local, porque é a única janela para
filmes de SC. Eu já trouxe meus filmes
para o FAM em algumas ocasiões,
entre eles a ficção ‘Muamba’, e nessa
edição apresento o documentário
‘Deserto Verde’, filme que produzi com
Juliana Kroeger”, **Chico Faganello**.

“O FAM é importante para quem é da
área e para os espectadores. Além disso,
esse contato com os nossos mais próximos,
os latino-americanos, é de uma grandeza
visionária, pois fomos educados a virar as
costas para esses irmãos”, **Zeca Pires**.

Foco no cinema catarina

O 20º FAM exibirá 29 filmes do Brasil, Argentina, Peru, Chile e Colômbia em quatro mostras competitivas: Mostra DOC FAM, Mostra Curtas Mercosul, Mostra Infantojuvenil e Mostra Curtas Catarinenses, sendo que esta última exibe sete filmes produzidos em Santa Catarina.

Além dos filmes exibidos na Mostra de Curtas Catarinenses, pelo menos outras quatro produções audiovisuais de Santa Catarina também estreiam no festival em 2016: “O Demônio e As Margaridas”, curta de Ronaldo dos Anjos baseado em conto homônimo de Péricles Prade, “Crisálida”, piloto de seriado escrito por Alessandra da Rosa e dirigido por Serginho Melo que apresenta jovens surdos que enfrentam as dificuldades cotidianas

em uma sociedade desenhada apenas para ouvintes, “Angelus Novus”, longa experimental de Cláudia Cárdenas e Rafael Schlichting, e o documentário “Ao Som do Chamamé”, filme dirigido por Lucas de Barros que conta a história e origem do ritmo musical “chamamé”, gênero de raízes fronteiriças presente na Bacia do Rio da Prata, no Sul da América Latina.

“É o meu primeiro longa-metragem como diretor. Foi um grande aprendizado percorrer o interior do continente para rodar o filme. O FAM não só fortalece o mercado do audiovisual, mas também impulsiona descobertas de cinemas tão próximos e tão desconhecidos com a versatilidade de suas mostras”, afirma o diretor Lucas de Barros.

Intercâmbio do audiovisual latino

Na Mostra de Longas Mercosul, que não é competitiva, o FAM exibe neste ano nove filmes latino-americanos. Além dos brasileiros “Boi Neon”, “Campo Grande”, “Angelus Novus” e “Ponto Zero”, três filmes argentinos serão exibidos pela primeira vez no Brasil com o festival: “Paulina”, refilmagem de Santiago Mitre de um clássico do cinema argentino de 1960, que fala sobre abuso sexual; “Zanjas”, western rodado na Patagônia dirigido por Francisco Paparella; e “El Movimiento”, filme em preto e branco dirigido por Benjamin Naishat, que retrata a ditadura argentina em 1835.

Os outros dois longas-metragens que completam a mostra não competitiva são o chileno “Vida Sexual de las Plantas”, ficção do diretor Sebastián Brahm que explora temas como amor e paciência, e o paraguaio

“Mangoré, Por Amor Al Arte”, cinebiografia do violonista Agustín Pio Barrios com roteiro e direção do chileno Luis Vera.

Neste ano, o festival também traz para Florianópolis o presidente do Recam (Reunião Especializada de Autoridades do Audiovisual do Mercosul), Martín Papich, que chega na sexta-feira (24) para reconhecer o FAM pelo trabalho realizado com um prêmio especial – na última década, o próprio festival também auxiliou com fóruns, reuniões e debates para que houvesse a consolidação do Recam, órgão consultor de audiovisual formado pelo Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai, Venezuela, Bolívia, Chile, Equador e Peru. O FAM 2016 conta com patrocínio da Petrobras e apoio financeiro do Funcultural, do governo do Estado de Santa Catarina.



Bandeira Festival sempre promoveu o debate e reflexão sobre o audiovisual latino-americano

FAM DISTRIBUIÇÃO/AGÊNCIA

“O FAM é extremamente relevante para difusão do cinema latinoamericano, especialmente do Mercosul, pois é o único festival com esse recorte específico. Além de atuar na formação de público através das exibições, o evento sempre buscou promover discussões em seus fóruns e debates, contribuindo para uma reflexão sobre nosso setor desde questões de mercado até conceitos estéticos e narrativas.”, **Cintia Domit Bittar**.

“O ano de 2004 foi marcante porque me impressionou a quantidade de público que o FAM trouxe para cidade. Já tive filmes exibidos e premiados no festival, entre eles ‘Hora do Galo’ e ‘Vaqueiros Encantados’. O evento é reconhecido como formador de público e de crítica, e sempre procura criar oportunidades para os produtores do audiovisual. Nesses últimos anos, observei que o FAM ganhou mais força com coproduções e parcerias.”, **Ralf Tambke**.

“Acompanho o festival desde quando cursava a faculdade de cinema em 1999, e já tive um curta lançado no evento em 2009, o ‘Se Eu Morresse Amanhã’. Uma sessão do festival, dentre tantas que me marcaram, foi em 2003 com o filme brasileiro ‘Narradores de Javé’, lembro que a sala toda ria e curtiu.”, **Ricardo Weschenfelder**.

“O que considero mais relevante para o público local é a aproximação com a obra de cineastas do Mercosul e da América Latina. Com os anos, o FAM foi abraçando outros países, como a Colômbia e a Venezuela. Particularmente, um dos momentos mais marcantes do evento foi a participação de Fernando Solanas, da Argentina, na edição de 2002, que nos deu uma aula de ativismo e senso político no cinema argentino”, **Kátia Klock**.

“É um festival sempre aguardado com muita expectativa por quem realmente gosta de assistir a filmes na tela grande. Acredito que o FAM tem impulsionado a área no mercado catarinense por promover o debate das políticas de incentivos às produções locais. O evento também instiga a percepção estética e a linguagem do cinema catarinense com a participação dos estudantes de audiovisual e realizadores em todas as mostras.”, **Mark Vamelatti**.

2007 – O festival se consolida e começa a trazer convidados de peso, entre eles o secretário do Audiovisual do MinC na época, Orlando Senna. A partir daí, artistas reconhecidos nacionalmente viriam a frequentar o FAM nas edições futuras, entre eles Caio Blat e Leticia Sabatella. Nesse ano, o FAM também fecha parceria com o Canal Brasil para o prêmio Aquisição. Nessa edição, o evento teve um público de 21 mil pessoas e exibiu ao todo 122 produções audiovisuais.

2009 – A partir de 2008, o festival conta com verba do governo do Estado via Funcultural para sua concretização. Acontece a transição tecnológica da forma de exibição dos filmes, que começam a ser exibidos de forma digital. O FAM tem seu recorde de público, com 30 mil pessoas, e exibe 200 filmes de 12 países.

2010 – O FAM inclui na programação a mostra universitária, que viria a se tornar a mostra catarinense e ter uma premiação própria na edição de 2012. Filmes produzidos em Santa Catarina ganham mais reconhecimento no Estado com o prêmio. O evento já acontece integralmente no campus da UFSC no bairro Trindade, em Florianópolis, e segue reunindo grande número de profissionais do mercado do audiovisual.

2014 – Durante oito dias, mais de 20 mil pessoas assistem a 78 filmes do Brasil, Argentina, Colômbia e Venezuela. O DOC-FAM, mostra de documentários do festival, se torna uma das mais frequentadas pelo público.

2015 – O festival é integrado por cinco mostras, quatro delas competitivas. Exibe 50 filmes de oito países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai e Uruguai. Documentários catarinenses engajados com os anseios da sociedade civil, entre eles “Desculpe pelo transtorno: A história do Bar do Chico”, se destacam nessa edição do evento, que também teve o lançamento do filme “Das Profundezas”, do diretor catarinense Penna Filho, morto naquele mesmo ano.

Enfoque Popular - Entrevista "Projeto do CRC-SC é exemplo para o país"

Projeto do CRC-SC é exemplo para o país / Marcello Alexandre Seemann / UFSC / Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina

[PeloEstado]
Entrevista

“Custos devem ser cortados todos os dias. Não é porque o negócio vai bem que se pode relaxar.”

MARCELLO ALEXANDRE SEEMANN

Projeto do CRC-SC é exemplo para o país

Empresário contábil, pós-graduado em Auditoria (UFSC) e em Gestão Empresarial (FGV-RJ), assumiu a presidência do Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina (CRC-SC) em janeiro, cargo que acumula com a de tesoureiro da Associação dos Conselhos Profissionais de Santa Catarina (Ascop). Antes de assumir a presidência do CRC-SC, onde atua como conselheiro desde 2001, foi vice-presidente de Registro, de Fiscalização, de Controle Interno, de Administração e Finanças e de Desenvolvimento Profissional do órgão. Em dezembro, o CRC-SC completará 70 anos. Atualmente, conta com oito macrodelegacias e 40 delegacias em todo o estado, além de ter 5 mil empresas e 21 mil profissionais registrados. Nessa entrevista exclusiva que concedeu à Coluna Pelo Estado, Marcello Seemann falou sobre o Contabilizando para o Cidadão, programa idealizado por ele e que pretende traduzir os números da administração pública em informações de fácil compreensão para a sociedade em geral. “Só temos a valorização da categoria a partir do momento que o cidadão nos valoriza.”



[PeloEstado] - O senhor tomou posse no CRC-SC em janeiro. Quais são as suas metas?

Marcello Seemann - A nossa principal meta é levar o CRC às bases do profissional contábil. Já estou rodando o estado inteiro, em cada delegacia, em cada região, ouvindo os profissionais e o clamor da categoria. E também comunicando o papel que desempenha uma autarquia federal como o CRC. Muita gente ainda confunde o Conselho Regional de Contabilidade com um sindicato ou uma associação. E, na verdade, o Conselho está sob a delegação da Presidência da República. Por isso tem que cumprir a Lei de Responsabilidade Fiscal e todos os controles impostos pela União. Quando os profissionais entendem a nossa verdadeira função, se dão conta da importância do CRC, porque o Conselho tem como função primordial proteger o cidadão e não o cliente, o dono da empresa. O nosso padrão é a sociedade.

[PE] - Nesses encontros está sendo apresentado o “Contabilizando para o Cidadão”. Do que se trata?

MS - Eu já atuo no CRC-SC há 15 anos e passei em todas as diretorias nesse período. No primeiro dia do meu mandato como presidente, eu disse que ia ensinar o cidadão comum a ler balanço. Só temos a valorização da categoria a partir do momento que o cidadão nos valoriza. Até os conselheiros acharam que eu estava pensando alto. Chamei minha equipe, traçamos a linha de trabalho e desenvolvemos o *Contabilizando para o Cidadão*, pelo qual explicamos de maneira simples e lúdica os números e as informações contábeis para

a sociedade. Fomos a cerca de dez órgãos de 13 prefeituras e do governo do Estado, acessamos os portais da Transparência, e captamos os dados, fazendo uma compilação para responder principalmente: de onde vêm os recursos? Onde foram aplicados? Informações sobre tributos, repasses do governo federal, áreas que receberam os recursos foram transformados em gráficos no formato de pizzas para facilitar a visualização.

[PE] - O que vocês detectaram com esse trabalho? E como isso é transmitido para o cidadão comum?

MS - Por exemplo, falar que o governo do Estado arrecadou, em 2015, R\$ 27,2 bilhões, pouca gente dimensiona o que é. Mas quando eu falo que cada pessoa que vive em Santa Catarina desembolsou, em média, R\$ 4.002,20 em tributos, fica mais fácil de perceber o que isso significa. A partir daí eu informo, em percentuais, na pizza, quanto foi gasto em cada área, seja Educação, Saúde, Segurança, Previdência ou qualquer outra. A sociedade em geral não tem noção que a receita vem carimbada e que a despesa também tem obrigações, assim como temos na nossa casa. A despesa somou R\$ 27,5 bilhões, ou R\$ 4.035,29 *per capita*. Portanto, houve um descompasso entre o que foi arrecadado e o que foi gasto de R\$ 33,00 por cidadão catarinense. Multiplica isso pela nossa população, de mais de 6 milhões de pessoas e teremos o impacto desse descompasso! Nas palestras, explico da seguinte forma: quero comprar um carro. Meu salário é de R\$ 4.002,20 e minhas despesas já somam R\$ 4.035,29. De

onde vou tirar dinheiro para a prestação do carro? O mais prudente é não fazer a compra. De forma muito simples, consigo explicar para a sociedade que não adianta pedir nada para o governo, porque não tem recursos.

[PE] - O que mais chamou a sua atenção?

MS - A Previdência do Estado. Os servidores contribuíram com 2,7% do Regime Próprio, mas foram gastos 17,9%. Uma disparidade muito grande e que levou a um déficit de R\$ 3,1 bilhões. Pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) é possível demonstrar que o Estado não pode mais contratar ninguém. Não tem limite orçamentário. Quando o governador disser que não vai contratar policiais, não é que ele não quer, é que ele não pode. E se o fizer vai descumprir a LRF, pois já está no limite. Outro dado que chamou a atenção é que o Estado de Santa Catarina investiu somente 2,3% de seu orçamento em Agricultura ao longo de 2015. Muito pouco para um estado com tradição agrícola como o nosso.

[PE] - Como tem sido a receptividade do projeto?

MS - Estive em São Paulo, em um evento de contadores e auditores internos e a recepção é calorosa. Eles ficam fascinados e querem que a gente faça de todos os municípios de tão entusiasmados. Mas é um trabalho demorado, minucioso, que envolve vários dados de diferentes fontes. Também apresentei no Conselho Federal de Contabilidade, que disseminou para todos os Conselhos estaduais e vários destes já estão produzindo os seus *Contabilizando para o Cidadão*. O Estado de

São Paulo já conheceu o projeto, nos chamou para uma reunião para explicações e agora o mesmo trabalho deve ser feito para todos os municípios do estado. Aqui teremos o levantamento de 13 municípios. Já temos de Florianópolis, Joinville, Criciúma, Chapecó... estamos fazendo com toda responsabilidade. Também estamos fazendo o levantamento dos indicadores sociais, que demonstra as boas posições de Santa Catarina.

[PE] - Como disseminar essa iniciativa?

MS - Estamos capacitando contadores para que sejam disseminadores do projeto para a sociedade. Abrimos um link para inscrição de quem estivesse interessado em fazer o treinamento e em dois dias recebemos mais de 200 interessados. E todos os dias recebemos de 30 a 40 contatos de prefeituras pedindo para que façamos a análise dos dados dos municípios. Aliás, lembrando que estamos em um ano eleitoral, é muito importante que o eleitor saiba que não existe mágica. Que não adianta o político prometer isso ou aquilo se não tiver receita. Estamos em uma fase que é preciso eleger um profissional que saiba fazer gestão. E que seja político para atrair novos recursos, atrair novas receitas. Por isso eu digo que quando vem um investidor interessado em se instalar em Santa Catarina, nós temos que estender o tapete vermelho para ele, e não ficar afundando com burocracia.

[PE] - As regras eleitorais agora exigem que a prestação de contas de campanhas seja feita por profissional da contabilidade. De que forma o CRC-SC atua para isso?

MS - Estamos oferecendo treinamentos para contadores do estado inteiro. Contabilidade é algo transparente e muito tranquilo de fazer. É Matemática pura. Por isso, a sociedade em geral, e, neste caso, o político, tem que parar de querer dar jeitinho. É muito grande a pressão para justificar algumas práticas. E nós, do Conselho, estamos trabalhando muito firmemente contra a “contabilidade atrapalhada”. É um conceito que vamos reforçar cada vez mais. No segundo semestre, nós teremos um calendário de cursos de qualificação e capacitação com esse objetivo.

[PE] - O Conselho completa 70 anos em 2016. O que está sendo planejado para comemorar?

MS - Exatamente no dia 8 de dezembro. As comemorações vão ser no sentido de homenagear os profissionais de Contabilidade que atuaram em Santa Catarina. E valorizar a profissão que, no mundo inteiro, é sonho de qualquer pai e mãe para seu filho. Aqui, nós queremos transformar essa profissão em uma referência no país. Que a sociedade entenda o que um profissional contábil pode fazer, especialmente em um momento de crise como que atravessamos agora no país.

[PE] - O Conselho completa 70 anos em 2016. O que está sendo planejado para comemorar?

MS - Que custos devem ser cortados todos os dias. Não é porque o negócio vai bem que se pode relaxar. É preciso um aprimoramento constante dos processos. E com números é possível evidenciar isso. A nossa função é dar dados concretos para que o empreendedor possa tomar decisões corretas.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[Museu da Imagem e do Som apresenta a exposição Revistas de Cinema](#)

[Dois minutos de Fora Temer no Floripa Audiovisual Mercosul 2016](#)

[Crise política é fator decisivo para explicar interesse do eleitor de SC no tema, dizem especialistas](#)

[Pesquisador alerta para colapso na pesca da tainha em SC em até 15 anos](#)